

# Sob a neve da loucura

Reinaldo MOURA

A coca!  
Um odor inquietante de fanól andava no ar. O cheiro da palha de embalagens longas, a poeira cor de cloro do papelão, que envolvia frascos brancos de sais. Sarcil cura tosse. Sarcil, tônico dos pulmões. Kautz... A droga viria colorida flutuava na penumbra comercial sobre o soalho sujo irrigado.

Bicos de cautchu'.  
Preventivos.  
Xaropes viscosos cheirando a mato de guaco.  
Salsaparrilha.  
Cloridrato de cocaína Merk. Darmstadt!

A coca...  
Ali estavam alinhadas e sem voz as bonecas de vidro cor de caramelo transparente. Vista através da luminosa parede, a cocaína parecia neve sob um sol doente de crepusculo.

Sem dúvida, para entrevistar as silenciosas bonecas que dançam a musica da ilusão sensorial, uma drogaria autentica, que paga impostos e vende vindo a letra hieroglífica do medico, é menos perigosa que a camara clandestina das transações velôses.

Uma grama de pó!  
O valor dessa mercadoria emocionante oscila mais que o cambio. A quimica pensil dos venenos que deixam a alma em extase, foge ás leis rasoaveis da economia. Os fatores do preço agitam-se num mundo diferente.

Um rapaz de olhos verdes e olhos obliquos abre o armario perigoso. No recanto afastado apóia um vidro de tamanho de uma palavra sinistra: — pó.

A cocaína deveria falar no seu silencio de veneno branco. Sem dúvida o prefacio agudo da loucura tem palavras demasiadamente tecnicas.

Ouço, entretanto:

## O DEPOIMENTO DA BONECA

— Cloridrato de Cocaína. Merk, née Metilbenzoleconina, filha de Eritroxilum coca, nascida na America, sob o céu ardente da Bolivia, creada no Peru', com ramificações de familia no Mexico e toda a America Central. Minha historia é breve como o meu nome vulgar. Não tenho a culpa dos males que vocês me atribuem. Quando os indigenas americanos mascavam as folhas verdes do meu diadema, era meu sangue fulgurante que aplacava todas as fomes e excitava todas as energias. Os homens civilizados desconfiaram de mim. Levaram-me para os laboratorios da Europa, submetteram-me a torturas sem nome. Mergulhando-me nagua, sugaram-me todo o sangue. E com ele procederam indignamente, deitando-me sobre a moel esmeralda um liquido horrivel a que chamavam acetato de chumbo. Eu acompanhei meu sangue e minha consciencia feerica estava palpitando com ele. Filtraram-me. Purificaram-me depois dolorosamente com fosfato de soda. Fiquei clara como uma manhã nupcial. Levaram-me ao fogo. Senti-me diminuir como um balão, de borracha. E após fui obrigada a beber uma solução horrivel de carbonato de soda. Agitaram-me então com éter de petroleo, e um refrigerio de pal-

sagem suissa inundou-me toda. Senti que me diluia, purificada mas insignificante; perdera a cor das florestas melancolicas que adormecem á sombra dos Andes, aos pés dos montes azuis de Arequipa. Mas meu espirito rutilante estava mais febril que antes. Mais algumas operações desagradaveis, e os europeus convencidos chamaram-me pelo nome — cocaína! Agora casei. Casei com o Cloro. Sou um sal quasi regio. Cloridrato de cocaína...

## DESPEITO DE ESTRELA EM PO'

Li os jornais de hoje, continuou com sua voz de neve. A cidade de vocês pertence-me. Entre as sombras silenciosas e a luz vermelha do delirio, nas narinas rosadas das mulheres, no vicio inquieto dos homens, sou rainha noturna. Nunca pensei que Porto Alegre tivesse tal excesso de imaginação! Apenas uma coisa me preocupa: nos países civilizados as minhas rivais armam cidades tremendas ao meu poder...

— Morfina?

— Ora, minha amiga de infancia...

— O éter?...

— Que falta de imaginação, meu amigo. Morfina, éter, succedaneos de mim mesma, todos tão inocentes como um cigarro elegante em cuja medula doirada os cavalheiros ingenuos acreditam existir opio... Quero me referir ao Pelotl. Conhece o Pelotl? Um divino alcaloide. O verde resumo do sonho. Ele dá mais do que eu. Eu dou a exaltação que é uma anomalia do entusiasmo. Dou o mundo facil, tão leve na neblina das coisas que parece que flutua. O Pelotl dá o sonho controlavel. Veneno do Oriente. Panacéa da incuravel dor. Príncipe do misterio, descendo de santuarios ocultos, estende com um gesto curvo deante do nosso assombro um tapete de filosofica loucura:

— Agora passela o teu desejo sobre esta purpura...

Decididamente, já na Europa, quer dizer, em Paris, soffo uma aguda concorrência!

## DIAMBA — CACHIMBO DE PESADELO

A bonequinha de pó esqueceu a diamba. Falou sobre Porto Alegre, falou sobre a civilização das cidades do velho mundo. Diamba é segredo do mato. Cachimbo curvo da loucura. Visão que deixa em suores frios.

E o hachicho?

No fundo do armario, envolta na sombra, triete da hora final do dia, o vidrinho cor de iodo abafava a ultima frase do veneno — só quem não viveu o instante redentor que deixa um minuto de céu dentro da implacavel existencia, pôde ignorar o esforço dos homens abrindo caminho em busca da Babilonia espiritual.

A policia varejou os ninhos ardentes das bonecas. O comercio clandestino cerrou as portas. No fundo dos manicomios experimentais ha um resto de sonho que ainda agita uma geração cheia de febre.

O drama do pó...

T1034

Sust. 31588

Reg. Cl. 0039

T(1035)